



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades.

Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos.

PARA ALÉM DAS PLUMAS E PAETÊS: MOVIMENTO LGBT NO ENFRENTAMENTO À LGBTFOBIA

ELTON SANTA BRÍGIDA DO ROZARIO¹

Resumo: Este trabalho resultou da pesquisa de dissertação de mestrado defendida em 2016, cujo objeto esteve centrado na análise dos processos organizativos dos movimentos LGBT's. O percurso metodológico pautou-se na perspectiva da teoria social crítica, da política e do serviço social, localizando os movimentos LGBT's como uma das expressões da "questão social". Análise eminentemente histórica e de resgate da memória do movimento LGBT, com reflexões da atual conjuntura de retrocesso, esfacelamento da carta magna brasileira e da violação à cidadania. É de suma significância para o campo do Serviço Social e para a formação dos Assistentes Sociais na defesa intransigente dos direitos humanos e uma intervenção social fundamentado nas balizas do Projeto ético-político da categoria profissional.

Palavras-chave: Movimentos LGBT's; Movimentos Sociais; Políticas LGBT's; Serviço Social.

Abstract: This work was the result of a master's dissertation research defended in 2016, whose object was centered in the analysis of the organizational processes of the LGBT movements. The methodological course was based on the perspective of critical social theory, politics and social service, locating the LGBT movements as one of the expressions of the "social question". An eminently historical analysis and rescue of the memory of the LGBT movement, with reflections of the current conjuncture of retrocession, the shattering of the Brazilian Magna Carta and the violation of citizenship. It is of great significance for the field of Social Work and for the training of Social Workers in the intransigent defense of human rights and a social intervention based on the beacons of the ethical-political Project of the professional category.

Keywords: LGBT Movements; Social movements; LGBT's Policies; Social service.

INTRODUÇÃO

Historicamente a sexualidade humana tem sido tema de grande relevância para a ciência, em que pese a sua condição de invisibilidade e desconhecimento. O próprio termo sexualidade surgiu tardiamente, no final do século XIX, em decorrência do avanço dos estudos acerca do sexo-gênero e a epistemologia da categoria sexualidade numa perspectiva analítico-acadêmica das realidades do sexo e suas expressões no qual é associada à sociedade, e de confronto ao uso da palavra relacionada com outros fenômenos como a instauração de um conjunto de normas e regras que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas (FOUCAULT, 1984, p.09).

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: <eltonSanta@hotmail.com>.

A história nos revela o quanto as relações sociais imbricadas pelo poder estiveram subjacentes em se tratando do sexo. O masculino e o feminino constantemente foram determinados pela hierarquização sexual, advindo de valores morais e culturais da sociedade. E, no decorrer das transformações sociais no mundo, novos valores vêm sendo adquiridos e ao mesmo tempo sofrendo alterações.

Para Bourdieu (1999), a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, porque está construída por meio do princípio de divisão entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa o desejo masculino como posse, como dominação erotizada e o desejo feminino como desejo da dominação masculina.

Segundo Foucault (2014), o sexo ao longo de todo o século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normativa científica geral e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas.

1.1 SEXO, GÊNERO E (HOMO) SEXUALIDADES

Os gêneros e as expressões da sexualidade estão às amarras das regras do binário masculino e feminino, tão grande à diferenciação sexual biológica como em outro dado momento histórico no qual a ideologia sexista e o patriarcado detinham a hegemonia do sexo e poder.

O avanço histórico das reflexões teóricas acerca da sexualidade humana impulsionou a construção de outras subjetividades do gênero e sexo, como a manifestação da livre orientação sexual (aqui destaco a diversidade das expressões sexuais de identidade gênero: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), e nesta lógica é uma construção sociohistórica que desconstrói normatizações e padrões que foram impostos pelo ideário da dominação do sexo masculino.

Neste sentido gênero, identidade de gênero e sexualidade inclui-se no universo de conhecimento das Ciências Sociais e Humanas, e torna-se elemento essencial a partir da problematização e investigação para além de interrogativas, mas para reflexões empírico-teóricas das subjetividades e livre expressão das identidades na história. Todavia essa diversidade oriunda de um transcendentalismo histórico, em um dado momento encontrava-se sob a égide de um único sexo – o *masculino*.

A história da sexualidade vislumbra e demonstra a hipocrisia de nossas sociedades burguesas, que é forçada a algumas concessões, mas não a permissividade às sexualidades ilegítimas que devem incomodar em outro lugar que não seja sob as normas e regras da sexualidade binária masculino-feminino (FOUCAULT, 2014, p 8). O uso desse termo sexualidade surgiu não para dar sentido de liberdade ao corpo humano, mas surgiu em relação a outros fenômenos sociais, dentre eles para: o desenvolvimento de conhecimento e investigação nos diversos campos da ciência, como da Biologia, Psicologia, Sociologia etc.

Segundo Foucault (1988, p. 09), a sexualidade era vista como uma figura de brasão contida, muda e hipócrita. No início do século XVII as práticas sexuais não procuravam segredos, as palavras eram ditas sem reticências

excessivas e as coisas eram demasiadas sem disfarces. A passagem para o século XIX tem “um crepúsculo que teria à luz meridiana”, isto é, a livre expressão da sexualidade é enquadrada sob a égide do conjunto de normas do sexo-gêneroda sociedade ocidental, a sexualidade toma novas formas e valores, tornando-se particularidade de duas únicas pessoas do sexo oposto, surge a família patriarcal baseada na procriação e hierarquia do sexo, agora a sexualidade tem a mera função de reproduzir.

Para Foucault (1988, p. 10) na questão social estava a família patriarcal, no espaço social de cada grupo familiar estava um único lugar onde a sexualidade era reconhecida como algo útil e fecundado: o quarto dos pais. A esterilidade era vista como demasiada e anormal, pois, não trouxera frutos para a humanidade. A sexualidade humana é reflexo de uma construção social, no qual a conjuntura histórica teve como referência as normas relação heteronormativa predominante, e partir daí o surgimento da repressão sexual e estigmatização daqueles que divergem desses padrões.

Falar assim da sexualidade implicaria afastar-se de um esquema de pensamento que era então corrente: fazer da sexualidade um invariante e supor, que se ela assume, nas suas manifestações, formas historicamente singulares, é porque sofre os mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra em toda sociedade; o que equivale colocar fora do campo histórico o desejo e o sujeito do desejo, e a fazer com que a forma geral de interdição dê contas do que pode haver de histórico na sexualidade. (FOUCAULT, 1984. p. 10).

Neste sentido, a sexualidade enquanto expressão do campo afetivo-sexual e diversidades sociais que são postas a partir da hierarquia sexual, é reduzida ao sexismo ou ao heterossexismo em que sexismo é uma posição ou uma postura de misoginia, de desprezo frente ao sexo oposto, já o heterossexismo é superiorização da heterossexualidade sobre a homossexualidade e demais orientações e identidades sexuais de gênero (SMIGAY, 2002).

Para Lauretis (1987), as concepções culturais de masculino e feminino são como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, conforme os seres humanos classificam suas formas, embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está intimamente interligado a fatores políticos e econômicos da sociedade.

A relação imbricada pela relação classe-sexo-gênero perdura-se por uma construção que na conjuntura contemporânea há necessidade de contestar o histórico de opressão e repressão aos sujeitos que não seguem a heteronormativa imposta.

Para Bourdie (1999), em sua obra *A dominação masculina*, a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação porque ela foi construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo e o feminino passivo, o desejo masculino como posse, domina o feminino subordinado. Eis o poder simbólico no qual os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes à relação de dominação, fazendo-as assim ser vistas como natural.

Segundo Bourdie (1999), a dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser feminino existe primeiro pelo, e para, o olhar

dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes e receptivos, delas se espera que sejam “femininas”, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E, nesta lógica estão aqueles que possuem a personalidade feminina.

No desenvolvimento da sexualidade, determinadas expressões contrária a heterossexualidade predominante são vistas como anormal e desviante, pois, a hierarquia sexual determina o sexo superior e o inferior e a partir daí a construção da repressão. Para Chauí (1985), a repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, sobretudo a orientação heterossexual, no qual é fundamentada em valores culturais que se perpetuam, através de dogmas cristãos, culturais e morais.

As expressões da sexualidade humana emergem inúmeras facetas acerca do saber do sexo e da questão de gênero, a modo que o tradicionalismo predominante da heterossexualidade vem perdendo suas influências normativas, e o espaço da sociedade contemporânea, emergindo a sexualidade como um direito humano, a partir do avanço e emergência dos movimentos LGBT's no enfrentamento à repressão de gênero e identidade de gênero.

Na sexualidade humana, enquanto manifestação do ego e desejos estão as várias formas de expressão do sexo e neste sentido a homossexualidade torna-se como algo diferente, e sua construção é realizada por um conjunto de fatores culturais, sociais e ideológicos. Neste sentido, a homossexualidade enquanto manifestação da sexualidade é uma construção social no que tange o processo histórico da sociedade, pois, sua formação tem em suma, variadas características passíveis de mudanças no tempo e no espaço seja na subjetividade sexual ou na percepção daqueles que estão de fora.

3. LGBTfobia E RESISTÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL

A luta dos movimentos sociais LGBT's no enfrentamento às opressões no Brasil é anterior à Constituição Federal de 1988. A história nos remete a um processo democrático recente, todavia, o conjunto de elementos de violações de direitos aos sujeitos LGBT's é anterior à contemporaneidade.

Para Prado e Machado (2008, p. 88), o surgimento dos movimentos pela livre orientação sexual brasileira teve influências internacionais e este é dividido em três momentos: o primeiro momento refere-se ao surgimento das diversas organizações e personalidades em países europeus, do século XVIII, torna-se mais nítido no século XIX e se encerra no início do século XX. O segundo momento refere-se aos movimentos homófilos¹ que se inicia após a II Guerra Mundial e termina na Revolta de *Stonewall Riots*, que será abordada posteriormente. Já o terceiro momento refere-se especificamente aos

¹ Segundo Machado e Prado (2008) o termo Homófilo era usado para designar as relações homoafetivas entre pessoas do mesmo sexo, invés de utilizar o termo “homossexual” na Europa, pois, o uso desta palavra enfatiza mais amor entre pessoas do mesmo sexo do que simplesmente os comportamentos sexuais.

movimentos que integram a fase atual contemporânea surgida após o ano de 1969.

Segundo Prado e Machado (2008, p. 88), a fase internacional pós-1969 é conhecida por muitos autores e militantes como “*Gay Liberation*” ou “*Liberação Gay*”, de certa forma, o *boom* das lutas sociais LGBT’s no cenário mundial. Esta fase é conhecida como o “embrião” dos movimentos LGBT’s no mundo, pois, a formação dessas organizações exigiu coragem, criatividade e liberdade numa lógica cultural de padrões morais da sexualidade. (PRADO e MACHADO, p. 89).

No contexto nacional brasileiro a organização dos movimentos, encontrava-se em realidades diferentes do contexto global, a militância deparava-se numa realidade repressiva e autoritária reflexos da ditadura militar a partir de meados do século XX. Para Rodrigues (2004, p. 174), no Brasil, a partir dos anos 1970, começava a despertar o movimento ‘gay’ – alguns artistas e notáveis de renome nacional assumem timidamente sua condição de homossexual, defendendo o que a comunidade norte-americana chamou de ‘outing’, isto é, o “sair do armário”, enfrentando os preconceitos sociais. Caetano Veloso, antecipando-se aos acontecimentos, em 1968, provocava escândalo cantando a música ‘é proibido proibir’.

Prado e Machado (2008, p. 86) enfatizam que os movimentos sociais que surgem após a abertura política na América Latina desenvolveram culturas políticas pluralistas que transcendem a política institucional e as concepções de cidadania e democracia formais garantidas por meio das instituições formais.

Para Prado e Machado (2008, p. 114) a história do movimento LGBT brasileiro apresenta-se em três fases distintas: a primeira “onda”, destaca-se o *Jornal Lampião da esquina* e o Grupo Somos; a segunda “onda” fortemente relacionada ao surgimento da epidemia da AIDS nos anos de 1980 e a terceira “onda” com o fortalecimento e a proliferação dos movimentos sociais homoafetivos a partir da década de 1990.

Os movimentos LGBT’s brasileiros surgidos em meados do século XX tiveram como marco histórico-político grandes influências do contexto internacional de mobilização, especificamente dos movimentos LGBT norte-americano que num fato histórico de violação de direitos estiveram como protagonistas: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, vítimas de uma gama de preconceitos, violências, discriminações, agressões físicas e psicológicas.

A partir da década de 1970, os Movimentos LGBT’s apresentaram uma conjuntura acentuando uma série de planejamento de combate a inúmeras violências e relatos de homicídios sofridos por pessoas que fugiam de uma regra moral pautado na heterossexualidade normativa, aludindo a partir daí um cronograma de atividades, pautas e bandeiras de lutas em busca de Políticas Públicas. Neste contexto, a principal bandeira de luta era a exclusão da homossexualidade como doença na Organização Mundial de Saúde, no entanto, os movimentos deparavam-se com um Estado autoritário e militar que dificultava a própria militância e que, ao mesmo tempo, davam-lhe fôlegos para o fortalecimento dos militantes e fortalecendo as organizações LGBT’s na América Latina, dentre esses países, o Brasil.

Já segundo Facchini (2003), a trajetória do surgimento do movimento homossexual ao movimento LGBT no Brasil, para fins analíticos divide-se em três momentos: o primeiro momento corresponde ao surgimento e expansão do movimento durante o período da abertura política; o segundo momento corresponde a partir de meados de 1980, coincidindo com o regime democrático e o surgimento da AIDS, a chamada “peste gay”; o terceiro momento a partir do início da década de 1990 com reflorescimento do movimento LGBT, enfrentamento a proliferação da AIDS e as novas formas de associativismo, fortalecida a partir dos anos 2000.

No contexto nacional do movimento LGBT surgiu o *Jornal Lâmpião da Esquina*¹, no final da década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro e publicado em diversas cidades, tornando-se referência para as lutas contra a homofobia no Brasil. Destinado ao público LGBT’s trazia consigo uma linguagem acessível e muita das vezes irônicas e ricas, com uma variedade de discussão e exposição, dentre eles debates, artigos, entrevistas e denúncias, para além de uma visão pornográfica no qual os LGBT’s eram taxados como sujeitos anormais e desviantes. Encerrou com sua última publicação em 1981 às vésperas da redemocratização e construção da Constituição de 1988 do Brasil.

A partir da década de 1980, os movimentos sociais em geral, com as novas configurações em meio à sociedade e o Estado, cristalizam ideias via projetos com o objetivo de possibilitar o diálogo entre militância e Estado.

Destaca-se a partir da década de 1990, uma efervescência do movimento LGBT, isto é, apresentando-se ao cenário de um Estado democrático. Esses movimentos passam a expandir-se em todo Brasil e surge um movimento heterogêneo cuja diversidade está pautada na pluralidade intrínseca ao LGBT. Surgem Associações baseadas na própria diversidade homoafetiva, segmentando a bandeira e fortalecendo as bandeiras de lutas.

No que tange ao histórico dos movimentos LGBT’s no estado do Pará, apesar dos limites de acesso aos acervos bibliográficos e produção científica na discussão desta temática, buscamos extrair ao máximo o debate dos demais teóricos que ressaltam a peculiaridade nesse Estado.

4. MOVIMENTOS LGBT’S EM BELÉM-PA: LUTAR, RESISTIR E CONQUISTAR

Numa análise de conjuntura acerca do movimento LGBT paraense e o movimento em nível nacional, pode-se afirmar que em Belém esse movimento configurava-se de forma particularizada num processo de construção enraizado por manifestações culturais e artísticas, que os diferenciam da perspectiva nacional. Esses movimentos buscavam um novo processo de unificação e de pautas hegemônicas através da nova conjuntura política a partir da redemocratização brasileira, todavia, a concentração e visibilidade crescia em torno de específicas localidades centrais, assim como determinadas regiões do

¹ *Jornal Lâmpião da Esquina* foi uma das primeiras grandes publicações destinadas ao público homossexual no Brasil. O Movimento gay de Minas/MGM disponibiliza em seu acervo algumas edições do *Lâmpião da Esquina* para consultas. Disponível em <http://www.mgm.org.br/portal/modules.php?name=News&file=article&sid=94>.

Brasil, concentrava-se nas regiões: sudeste, sul, centro-oeste e alguma parte do nordeste.

O processo de organização e mobilização do movimento LGBT no município de Belém esteve intimamente ligada à manifestação popular denominada “as filhas da chiquita”, num período que antecedeu tanto a Constituição Federal de 1988 com sua abertura política como os novos formatos e sociabilidade dos movimentos sociais LGBT’s a partir do final da década de 1980.

Segundo Simões; Facchini (2009), o primeiro Grupo LGBT, o SOMOS se assume no final da década de 1978 e início de 1979 em plena repressão ditatorial, reunindo militantes e estudantes da Universidade de São Paulo – USP, num processo veloz e de progressivo crescimento. Outros trabalhos (FACCHINI, 2005; PRADO E MACHADO, 2008) demonstram que o celeiro e origem deste movimento no Brasil se deu a partir da região sudeste, especificamente em São Paulo e regiões adjacentes.

Neste mesmo momento da história, o movimento Homossexual de Belém se construía por outro viés, por uma conjuntura que se diferenciava da realidade da região sul, sudeste e nordeste do Brasil. Nesta conjuntura histórica os primeiros ensaios de construção do movimento LGBT paraense, partia da manifestação sócio-cultural conhecida como “Festa da Chiquita”, já mencionada neste trabalho, que além de manifestação cultural por ocasião da festa religiosa da sociedade paraense, o Círio de N. Sa. de Nazaré, também corroborou para construção do movimento LGBT paraense contemporâneo.

O processo sócio-histórico dos movimentos sociais LGBT’s do município de Belém tem como elemento determinante o marco da democracia brasileira, construído a partir da Constituição Federal de 1988, no qual a nova conjuntura democrática que o país estava vivenciando tornou-se força motriz para um novo momento da sociedade civil organizada através da participação social, organização social e lutas sociais na construção de políticas públicas.

No período pós-democratização, o movimento LGBT em Belém teve sua gênese no Movimento Homossexual de Belém – MHB criado entre o final dos anos de 1980 e início dos anos 1990, se constituindo num marco histórico para o movimento LGBT e um símbolo de lutas contra a homofobia. O MHB surgiu a partir de um grupo de gays organizados, no qual sentiram a necessidade de formarem um grupo político com objetivo de criar estratégias de enfrentamento a um conjunto de violações de direitos aos cidadãos LGBT’s, através da várias formas de violências (física, simbólica e psicológica), opressões e homicídios.

No início da década de 1990, o MHB não tinha tñha apoio de ninguém, principalmente por parte do governo do estado, e realizavam reuniões em uma sala cedida provisoriamente pelo PPS-Partido Popular Socialista, na travessa Apinagés, mas um número significativo de militantes homossexuais reclamava do difícil acesso ao local, devido às constantes agressões e assaltos (BELÉM, p. 205, 2003). No processo histórico da organização e mobilização do movimento LGBT de Belém em consonância com o movimento LGBT brasileiro, foram realizadas três Conferências nacionais e estaduais paraense.

A I Conferência LGBT do Estado do Pará foi realizada no município de Belém de 10 a 12 de abril de 2008, com a apresentação do Programa Pará

sem Homofobia, a II Conferência realizada em maio de 2011 e III Conferência de 4 a 6 de março de 2016.

As Conferências LGBT's paraense, tornaram-se como referência para o marco da construção de Políticas Públicas de enfrentamento à LGBTfobia e estratégias de organização do movimento LGBT. A partir das Conferências, o movimento construiu mecanismos não apenas de crítica à gestão do poder executivo e legislativo, mas possibilitou a unificação do movimento através do diálogo e fortalecimento do controle social e das políticas públicas LGBT's, assim como avanços no Conselho de Políticas, Conselho Estadual do Pará da Diversidade Sexual – CEDS e Conselho Nacional de Combate de Discriminação LGBT – CNCD-LGBT.

4.1. FESTA DA CHIQUITA E MOVIMENTO LGBT: ONDE TUDO COMEÇOU

A festa da Chiquita tem imbricada em sua origem ao cerne da construção histórica do movimento LGBT em Belém:

... Tendo como referência uma fala muito difundida entre os participantes da Festa da Chiquita, de que esta seria “a primeira parada gay do mundo”, proponho também que se pense na Chiquita a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do Estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de segurança pública, por conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento.(FILHO, p. 18, 2012).

Para Filho (2012), iniciada entre os anos de 1975 e 1976, com o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré.

Entretanto, no período que antecede o processo de organização do movimento LGBT a partir da Constituição Federal de 1988, em nível nacional e de Amazônia, especial em Belém do Pará, temos a histórica manifestação cultural, política e social: As filhas da Chiquita.

No ideário da manifestação e festa LGBT mais antiga da cidade de Belém *As Filhas da Chiquita*¹ a partir de meados da década de 1970, surgia o embrião dos movimentos sociais LGBT's paraense, seu aparecimento copilava irreverência e miscigenação do religioso e profano, o que era uma simples e grande homenagem ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré padroeira paraense, tornava-se o “grito dos excluídos”.

De acordo com o Documentário (2004) estavam presentes nessa manifestação: prostitutas, mendigos, lésbicas, gays, travestis e transexuais –

¹ Documentários as Filhas da Chiquita disponibilizados em: http://www.youtube.com/watch?v=7Cu_mt2SXBc.

LGBT', negros etc, e esta era a oportunidade da sociedade marginalizada terem visibilidade enquanto cidadãos de direitos e nada mais na maior manifestação católica do mundo - o *círio de Nazaré* no qual despertava a indignação e organização dos homoafetivos paraenses, provocando a mobilização através da reação de enfrentamento ao preconceito e discriminação homofóbica.

A festa da chiquita inicia como um bloco de carnaval na década de 1970 tem uma das principais referências a música de Caetano Veloso, "As filhas da chiquita", num período de repressões, intolerância e governos ditatoriais. Foi fomentada pelos grupos de gays da associação carnavalesca de Belém com posicionamento de enfrentamento à intolerância da igreja e Estado repressor, no qual o ponto de encontro era o bar do Parque na Praça da República.

No início da manifestação na década de 1970 foi criado o prêmio "veado de ouro", no qual consistia numa miniatura de um veado dourado entregue a personalidades LGBT's e cidadãos que faziam parte da conjuntura de enfrentamento à homofobia em Belém. A premiação (troféu) surgiu a partir da relação de intensos conflitos com o jornalista Oliveira Bastos, em que dissertava diversas críticas à manifestação, de cunho intolerante e homofóbico.

Após o surgimento dessa manifestação, entre as décadas de 1980 e 1990 com a efervescência dos movimentos sociais brasileiro, o estado do Pará avança sob influências de mobilização LGBT na região norte. Os movimentos LGBT's de Belém foram construídos a partir da conjuntura de enfrentamento à homofobia, contribuindo no planejamento de "As Filhas da Chiquita", contexto de visibilidade de suas forças e lutas sociais, direcionados pela divulgação da cultura LGBT paraense, através de apresentações artísticas, performances e serviços de prevenção à saúde dos LGBT's, objetivando as várias facetas do enfrentamento à homofobia. Em 2004, a Festa da Chiquita foi tombada como patrimônio cultural brasileiro e parte do Círio de Nazaré pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural - IPHAN¹.

Em Belém do Pará, as organizações: Somos e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis - ABGLT² influenciaram o modelo seguido por dezenas de entidades e organizações. Nesse processo de mobilização social brasileira, destacam-se os movimentos LGBT's da região paraense e dentre eles os principais³ surgidos a partir da década de 1990: o Movimento LGBT, o Grupo de Homossexuais do Pará (GHP), ONG COR (Cidadania, Orgulho e Respeito), Grupo Pela Livre Orientação Sexual (APOLO) e o Grupo de Travestis e Transexuais de Belém (GRETТА), OLIVIA, ELLOS e ENTRE ELES.

Os movimentos vêm sofrendo constantes críticas por parte da própria militância LGBT, e são problematizações internas recente no que diz respeito a imparcialidade e inferências político-partidárias, cujo elementos interferem na autonomia dos movimentos, uma vez que a maioria dos grupos participam de programas governamentais e possuem afinidades com determinados partidos políticos e governos. O maior desafio dos movimentos LGBT's está na estrutura de formação, independência e olhar crítico nas políticas públicas.

¹ Dossiê IPHAN | Círio de Nazaré que oficializa o tombamento da Festa da Chiquita enquanto patrimônio cultural nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=725>.

² Somos e ABGLT foram os grupos pioneiros de enfrentamento à homofobia na sociedade brasileira.

³ O mapeamento dos movimentos sociais LGBT's em Belém foi realizado a partir de pesquisa documental e de campo no período de agosto à novembro de 2015.

Na atual Política Pública destinada para os cidadãos LGBT's brasileiros destaca-se por sua construção, uma vez que historicamente o Estado jamais tinha dado um salto emancipador no sentido de políticas para uma livre orientação sexual que se consolidaram a partir dos anos 2000.

No dias atuais os movimentos LGBT's encontram-se no seio de uma nova reestruturação da sociedade e mecanismos do Estado neoliberal brasileiro, numa conjuntura de lutas sociais. E, neste bojo de contradições do Estado democrático de direito e de violações dos direitos já conquistados, a sociedade civil organizada é a expressão concreta da manifestação democrática e popular.

Segundo Filho (2012), as reflexões acerca da Festa da Chiquita, possibilita uma análise crítica a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de segurança pública, por conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento.

Neste sentido, a festa da Chiquita é considerada:

...Como fruto de reivindicação e afirmação política de sujeitos homoeróticos que tomam a Praça da República assim que passa a Trasladação em direção à Catedral Metropolitana de Belém, tudo isso envolto numa atmosfera onde a noite representa um papel importante por: **permitir** que as travestis, *drag-queens*, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e outros “carnavalizem” suas performances em plena noite de sábado, antes do domingo do Círio, no mês de outubro, no centro de Belém; **contestar** o “anonimato relativo” das sexualidades dissidentes, visto que, atualmente, o exagero faz parte da festa; e **estabelecer** um caminho de respeito e dignidade ao promover durante a festa os prêmios “Veado de Ouro”, “Botina de Prata”, “Amigo da Chiquita” e “A Rainha do Círio” (FILHO, 2007, p. 19).

Portanto, para chegar à contextualização atual dos movimentos LGBT' de Belém deve se passar pela origem das manifestações desse movimento, não poderíamos falar de movimento LGBT em Belém no século XXI, sem ressaltar a profícua reflexão acerca da Festa da Chiquita e sua importância elementar para tal análise. Tal processo socio-histórico e político da origem e construção do movimento, nos permitir nos adentrar no universo particular de tal investigação social, com minuciosa precisão metodológica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visibilidade do movimento LGBT foi construída a partir das históricas bandeiras de lutas de enfrentamento à LGBTfobia, por um processo identitário e da construção da cidadania para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

O marco das lutas e participação LGBT não se deu em um dado momento específico da história, mas, está circunscrito num processo social,

histórico, cultural, simbólico, público e privado que se constrói pela objetividade, subjetividade e sociabilidade humana. A análise sobre a participação do movimento LGBT na construção de políticas públicas se revela desafiadora, no sentido que a insipiência no tema deixou lacunas para avançar em posteriores pesquisas e indagações acadêmicas.

O desafio deste trabalho demonstrou a relevância da pesquisa em torno do universo acadêmico e político, de tal maneira que nos dias atuais as políticas públicas LGBT's estão diretamente vinculadas aos movimentos LGBT's, por suas lutas e práticas de controle social. Outro destaque foi a realização das entrevistas junto ao movimento, pois, foram encontros e desencontros em que várias entrevistas foram desmarcadas e remarçadas, todavia, a finalização da pesquisa de campo foi extremamente grandiosa pela receptividade e disponibilidade dos sujeitos sociais da pesquisa que não hesitaram contribuir e elogiar a temática da pesquisa.

A pesquisa se debruçou pelo mapeamento dos movimentos LGBT's do município de Belém, a partir de procedimentos metodológicos, nos quais o "fio condutor" do campo foi marcado pelas atividades do movimento, dentre eles encontros, seminários e reuniões. Um campo diverso e heterogêneo, no qual perpassa por profundas autocríticas do próprio movimento, principalmente ao tocante da segmentação dos movimentos e a "sopa de letrinhas", conjuntura que ao mesmo tempo espraia as lutas LGBT's e pode fragilizar através da segmentação e divergências ideopolíticas dos movimentos.

A construção de uma sociedade mais justa e sem qualquer tipo de discriminação seja racial, gênero, infanto-juvenil, desigualdade social etc, é um desafio para toda sociedade civil organizada, categorias de profissionais do Serviço Social e demais áreas que fazem parte dessa reflexão acerca da homofobia e estão sob a perspectiva de uma sociedade democrática e de direitos.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Da Violência**. Tradução de Maria Drummont. 2014
Disponível em: <www.sabotagem.revolt.org>. Acesso em: 15 maio. 2016.

BELÉM. Secretaria de Municipal de Assuntos Jurídicos – SEMAJ. **Direitos Humanos**: opção política e construção da cidadania em Belém. Belém: SEMAJ, 2003.

BOURDIE, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIE, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Maria helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BORRILLO, Daniel. **HOMOFOBIA: História e crítica de um preconceito**. Tradução: Guilherme Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL, Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, p. 1-31, 2004. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf> acesso em 05/03/13.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (dês)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras**: mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2008.

FILHO, Milton Ribeiro da Silva. et al. **A Filha da Chiquita Bacana**: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36, 2012. **Anais...** Águas de Lindóia: SBS, 2012. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_detail&s&gid=8229&Itemid=76>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Paz & Terra, São Paulo, 2014.

FRANCO, José Luiz de Moraes; GONTIGO, Fabiano. **Memórias do Movimento LGBT**: da sociedade Mattachine ao Estado do Pará, a conquista de direitos e suas demandas sociais. 2015. Disponível em: <eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020836_30_06_2015_16-30-56_1695.PDF>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GONTIJO, Fabiano. **O rei momo e o arco-íris**: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GREENVISION. **As Filhas da Chiquita**. Dir. Priscilla Brasil. Documentário, 52 min., cor, Brasil, 2006.

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. 1987. Disponível em: <marcoaureliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito além do arco-íris: a constituição de identidades coletivas entre a sociedade civil e o Estado**. 2007. 274 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MOTT, Luis. **Escravidão, Homossexualidade e Demonologia**. São Paulo: Ícone, 1998.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SEDGWICK, EveKosofsky. **A epistemologia do armário**. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.